

C R Í T I C A S

cartas à mocidade

JAIME CORTESÃO

(«Seara Nova», Lisboa, 1940)

É uma propensão natural dos homens que meditam sobre a sua vida passada o procurarem ver ao longo dela uma certa uniformidade mental e de acção, que nem sempre está de acôrdo com a realidade. Não escapou a esta natural inclinação o ilustre historiador dos descobrimentos. Vinte anos depois da publicação de seis «cartas à mocidade» nas colunas da revista *Seara Nova*, o Sr. Jaime Cortesão reúne-as em volume, juntando-lhes um artigo publicado há meses, e antepõe-lhes estas palavras: «O homem que escreveu [as seis primeiras cartas] não renegou nenhum dos princípios fundamentais que dirigiam então a sua actividade. Perdeu apenas certa confiança cândida nos homens. Sabe hoje que o esforço a realizar, e que então prégava, é bem mais árduo e longo do que se lhe afigurou. O que para êle representa apenas uma razão mais de persistir».

Confessamos que estas palavras cheias de lucidez e de nobreza nos parecem estar em chocante contraste com a presente publicação das *cartas à mocidade*. Se o A. perdeu «certa confiança cândida nos homens», parece que «os princípios fundamentais que dirigiam a sua actividade» há vinte anos não poderiam continuar a ser apresentados da maneira cândida, ingénua e quasi *irreal* como são compendiados nas *cartas à mocidade*. . . O Sr. Jaime Cortesão não resistiu à tentação de descobrir uma linha de cotinuidade entre o seu excessivo optimismo de há vinte anos e o seu, quiçá excessivo também, pessimismo de hoje (cfr. carta VII). Só é de lamentar que o alto espírito a quem se deve uma obra de investigação histórica de excepcional relêvo tenha escrito, por volta de 1921, umas cartas à mocidade de Portugal tão desligadas das realidades portuguesas; e, o que é ainda pior, tenha tido a idea infeliz de as re-publicar em 1940 — *ipsis verbis*. Nós que admiramos sinceramente o Sr. Jaime Cortesão preferíamos que o ilustre historiador

tivesse deixado no esquecimento as *cartas à mocidade*. — (E. R.).

t r a n s v i a d o s e u m a s ó v e z n a v i d a

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

Estas duas peças, tão dissemelhantes na maneira, têm um tema comum: o amor. Na primeira, o problema aparece enquadrado num ambiente familiar burguês; na segunda a acção desenvolve-se entre duas concepções do amor, uma espiritualista e outra *animal*. Naquela, *Transviados*, Jorge e Maria Tereza parecem vencer a opposição preconceituosa à realização dos seus temperamentos (não me atrevo a escrever consciências); nesta, *Uma só vez na vida*, a mesma fôrça, o amor, não consegue soldar duas maneiras de o sentir (Clara e Mignel); entendimento que a falta de carácter de Henrique e a leviandade de Deolinda realizasse, embora êste entendimento de duas existências seja absolutamente fraudulento. Interpretadas dêste modo, as duas peças exprimem uma o optimismo, a outra o pessimismo, quanto a situações semelhantes. Em *Transviados* borbulha uma certa confiança nas fôrças que subterraneamente levam o homem a solucionar certos problemas, mesmo quando entregues apenas aos seus instintos; em *Uma só vez na vida* assiste-se ao fracasso de tudo o que é são e ao triunfo do que é sórdido — isto parece-me de acôrdo com o que J. P. de Andrade diz nas suas palavras de abertura acêrca dos momentos de factura das duas peças.

A primeira é passada em casa dum comerciante. Os amores entre um filho transviado do dono da casa e uma sua sobrinha trazem à superficie o pôdre duma íntima desagregação: um pai comerciante pouco honesto, dois filhos — a Gustavo, a dissimulação, o egoísmo, a baixeza e a transigência aos preconceitos geralmente aceites, dão-lhe a consideração geral; Jorge, o transviado, pelo ressentimento da vida familiar, cai nma revolta sem consciência que o leva